

O SURREALISMO ESTÁ MORTO OU VIVO?

Por Guy Debord

Tradução: Inácio José de Araújo da Costa¹

A questão "O surrealismo está morto ou vivo?" foi escolhida como o tema de uma conferência-debate pelo Cercle Ouvert, ocorrido em 18 de novembro de 1958, sob a presidência de Noël Arnaud. Foram anunciados como participantes Robert Amadou, Guy Debord, Henri Lefebvre, Jacques Sternberg e Tristan Tzara. Mas uma má sorte parecia pairar sobre o debate: Lefebvre e Amadou acamados pela gripe, Sternberg sofrendo de intoxicação alimentar e Tzara ausente, sobrou apenas Guy Debord. A contribuição de Debord ao debate foi gravada em fita magnética e seu discurso foi acompanhado por violão. Uma transcrição abreviada de seu discurso apareceu no texto "Suprême levée des défenseurs du surréalisme à Paris et révélation de leur valeur effective", na revista Internationale situationniste nº 2 (dezembro de 1958).

Evidentemente, o surrealismo está vivo. Seus criadores ainda não morreram. Novos membros, cada vez mais medíocres é verdade, o reivindicam. O surrealismo é conhecido pelo grande público como o extremo do modernismo e, por outro lado, tornou-se objeto de julgamentos acadêmicos. Trata-se de uma dessas coisas que ainda vivem ao mesmo tempo que nós, como o catolicismo e o general de Gaulle.

A verdadeira questão é, então: qual é o papel do surrealismo hoje?

A atividade surrealista, apesar de sua intenção fundamental em transformar a vida, teve sua principal aplicação na arte e na escritura poética. Um julgamento sobre o sentido do surrealismo é,

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculado ao Instituto de Cultura e Arte (ICA) da mesma instituição. Contato: inaciojosecosta@gmail.com

portanto, um julgamento da cultura moderna e das modificações ocorridas através do movimento histórico particular do surrealismo, o movimento geral da cultura, sua interação.

O dadaísmo pode ser considerado como o momento do fim da cultura dominante, da cultura burguesa. Foi corretamente apontado que Dadá não era, como às vezes é ativamente definido, um produto direto da Primeira Guerra Mundial. Algumas correntes especificamente dadaístas apareceram no período pré-guerra. A Primeira Guerra Mundial e Dadá são dois produtos contemporâneos das contradições extremas de uma sociedade. A destruição dadaísta, tomada de consciência do esgotamento das superestruturas culturais que conhecemos, não marcou até agora seu desaparecimento prático. Enquanto a insubstituível crítica das armas não arruinar a infraestrutura econômica de exploração, uma espécie de posfácio cultural sobreviverá na repetição. No entanto, as novas forças produtivas condenam, junto com as antigas relações de produção, todo o espetáculo cultural que as acompanhava. Devemos agora procurar realizar construções superiores de nosso meio e dos acontecimentos de nossa vida, ao nível do desenvolvimento material da época, ao nível de seu progresso na dominação da natureza. As pesquisas nessa perspectiva são objetivamente inseparáveis da empreitada de transformação revolucionária do mundo.

O surrealismo, que se constituiu imediatamente após a crise do dadaísmo, com a vontade de passar a uma ação positiva, soube responder a tais necessidades?

Desde a origem, há no surrealismo, nesse sentido comparável ao romantismo, um antagonismo entre as tentativas de afirmação de um novo uso da vida e uma fuga reacionária para fora do real.

O lado progressista do surrealismo, em seu início, reside em sua reivindicação de uma liberdade total, e em algumas tentativas de intervenção na vida cotidiana. Em suplemento à história da arte, o surrealismo está para o campo da cultura como a sombra do personagem ausente está para uma pintura de Chirico: torna visível a falta de um porvir necessário.

O lado retrógrado do surrealismo se manifestou imediatamente em sua superestimação do inconsciente, e em sua monótona exploração artística; o idealismo dualista que tende a compreender a história como uma simples oposição entre os precursores da irracionalidade surrealista e a tirania das concepções lógicas greco-latinas; a participação nesta propaganda

burguesa que apresenta o amor como a única aventura possível nas condições modernas de existência.

Essa ambivalência do surrealismo durou cerca de dez anos, somente. A pressão de circunstâncias exteriores — particularmente a regressão da revolução mundial e o êxito da arte surrealista — levou nesse período ao triunfo das características retrógradas no interior do surrealismo.

O surrealismo hoje é profundamente maçante e reacionário. O irracional, que serviu por algum tempo contra os valores lógicos dominantes, serve no presente à irracionalidade dominante de um regime cada vez mais decomposto, cuja confusão é a arma ideológica primordial. O ocultismo, a magia, a platitudo humorística, a paixão por um insólito sempre idêntico a si mesmo são os escombros nos quais o surrealismo nos encobriu durante seus longos anos de velhice. O surrealismo é doravante enlatado e saudado como um belo escândalo insuperável pelo conformismo de uma época tão desgastada que seus próprios movimentos de libertação devem ser comidos por traças.

Os sonhos surrealistas correspondem à impotência burguesa, às nostalgias artísticas, e à recusa de considerar o emprego libertador dos meios técnicos superiores de nosso tempo. A partir de uma apropriação de tais meios, a experimentação coletiva e concreta de ambientes e de comportamentos novos corresponde ao começo de uma revolução cultural, fora da qual não pode haver cultura revolucionária autêntica.

É nesse sentido que avançam meus camaradas da Internacional Situacionista.

Le Surréalisme est-il mort ou vivant?

Par Guy Debord:

Le surréalisme est évidemment vivant. Ses créateurs ne sont pas encore morts. Des gens nouveaux, de plus en plus médiocres il est vrai, s'en réclament. Le surréalisme est connu du grand public comme l'extrême du modernisme et, d'autre part, il est devenu objet de jugements universitaires. Il s'agit bien d'une de ces choses qui vivent en même temps que nous, comme le catholicisme et le général de Gaulle.

La véritable question est alors: quel est le rôle du surréalisme aujourd'hui?

L'activité surréaliste, malgré son intention fondamentale de changer la vie, a eu sa principale application dans l'art et l'écriture poétique. Un jugement sur le sens du surréalisme est donc un jugement de la culture moderne, et des modifications survenues à travers le mouvement historique particulier du surréalisme, le mouvement général de la culture, leur interaction.

Le dadaïsme peut être considéré comme le moment de la fin de la culture dominante, de la culture bourgeoise. On a justement souligné que Dada n'était pas, ainsi qu'il est parfois activement défini, un premier produit direct du premier conflit mondial. Quelques courants spécifiquement dadaïstes avaient apparu dans l'avant-guerre. Le premier conflit mondial et dada sont plutôt deux produits contemporains des contradictions extrêmes d'une société. La destruction dadaïste, prise de conscience de l'épuisement des superstructures culturelles que nous connaissons, n'en marque pas pour autant la disparition pratique. Aussi longtemps que l'irremplaçable critique des armes n'aura pas ruiné l'infrastructure économique d'exploitation, une sorte de postface culturelle survivra dans la répétition. Cependant les nouvelles forces productives condamnent, avec les anciens rapports de production, tout le spectacle culturel qui les accompagnait. Il faut maintenant chercher à réaliser des constructions supérieures de notre milieu et des événements de notre vie, au niveau du développement matériel de l'époque, au niveau de son progrès dans la domination de la nature. Les recherches dans cette perspectives sont objectivement inséparables de l'entreprise de transformation révolutionnaire du monde.

Le surréalisme, qui s'est constitué immédiatement après la crise dadaïste, avec la volonté de passer à une action positive, a-t-il su répondre à de tels besoins?

Dès l'origine, il y a dans le surréalisme, qui par là est comparable au romantisme, un antagonisme entre les tentatives d'affirmation d'un nouvel usage de la vie et une fuite réactionnaire hors du réel.

Le côté progressif du surréalisme à son début est dans sa revendication d'une liberté totale, et dans quelques essais d'intervention dans la vie quotidienne. Supplément à l'histoire de l'art, le surréalisme est dans le champ de la culture comme l'ombre du personnage absent dans un tableau de Chirico: il donne à voir le manque d'un avenir nécessaire.

Le côté rétrograde du surréalisme s'est manifesté d'emblée par la surestimation de l'inconscient, et sa monotone exploitation artistique; l'idéalisme dualiste qui tend à comprendre l'histoire comme une simple opposition entre les précurseurs de l'irrationnel surréaliste et la tyrannie des conceptions logiques gréco-latines; la participation à cette propagande bourgeoise qui présente l'amour comme la seule aventure possible dans les conditions modernes d'existence.

Cette ambivalence du surréalisme a duré une dizaine d'année seulement. La pression des circonstances extérieures — particulièrement une regression de la révolution mondiale et la réussite d'un art surréaliste — entraîna dans ce délai le triomphe des caractères rétrogrades à l'intérieur du surréalisme.

Le surréalisme aujourd'hui est parfaitement ennuyeux est réactionnaire. L'irrationnel, qui a servi quelque temps contre les valeurs logiques dominantes, sert à présent l'irrationnalité dominante d'un régime toujours plus décomposé, dont la confusion est l'arme idéologique primordiale. L'occultisme, la magie, la platitude humoristique, la passion d'un insolite toujours pareil à lui-même sont les déchets dont le surréalisme nous a encombrés dans sa longue vieillesse. Le surréalisme est désormais mis en conserve et salué comme un beau scandale indépassable par le conformisme d'une époque si usée que ses mouvements de libération même doivent être mangés aux mites.

Les rêves surréalistes correspondent à l'impuissance bourgeoise, aux nostalgies artistiques, et au refus d'envisager l'emploi libérateur des moyens techniques supérieurs de notre temps. A partir d'une mainmise sur les tels moyens, l'expérimentation collective, concrète d'environnements et de

comportements nouveaux correspond au début d'une révolution culturelle en dehors de laquelle il n'est pas de culture révolutionnaire authentique.

C'est dans cette ligne qu'avancent mes camarades de l'Internationale situationniste.

DEBORD, Guy. Le surréalisme est-il mort ou vivant? In. BÉRREBY, Gérard (org.). *Textes et documents situationnistes (1957-1960)*. Éditions Allia: Paris. 2004. p. 85-86